

## *O perfil dos técnicos de judô formadores dos atletas das seleções brasileiras de base e suas condições estruturais de trabalho*

Luiz Alcides Ramires Maduro<sup>1</sup>  
Andrea Berti Guedes<sup>2</sup>  
Alexsander Guedes<sup>3</sup>  
Douglas Vieira<sup>2</sup>

### RESUMO

O judô foi o esporte que mais medalhas olímpicas trouxe para o Brasil. Apesar deste sucesso alcançado, não temos muitos dados sobre os treinadores. A carência destas informações nos levou ao presente trabalho. Este estudo teve como objetivo geral traçar o perfil, estruturas físicas disponíveis e as condições de trabalho dos treinadores dos atletas classificados para compor as seleções nacionais da Confederação Brasileira de Judô (CBJ), nas classes Sub 18 e Sub 21, nas temporadas de 2014 e 2015. Este estudo se caracterizou como uma pesquisa descritiva. Concluímos que as condições de trabalho atuais não permitem aos técnicos um aprofundamento teórico e que as estruturas físicas disponíveis não são adequadas na maioria dos locais de formação.

**Palavras-chave:** Judô. Perfil de Treinadores. Condições Estruturais.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Vale do São Francisco

<sup>2</sup> Confederação Brasileira de Judô CBJ

<sup>3</sup> Sesi SP

Recebido em: 10 jul. 2017

Aprovado em: 11 out. 2018

Contato: luizalcidesmaduro@gmail.com

## *Profile of technical judo athletes of trainers of basic brazilian selections and working conditions structural*

### ABSTRACT

Judo was the sport that most Olympic medals brought to Brazil. Despite this success we do not have much data on the coaches. The lack of this information led us to this work. This study aimed to outline the profile, physical structures available and working conditions for coaches of athletes for composing the Brazilian Confederation of national teams Judo (CBJ), the classes Sub 18 and Sub 21, in the 2014 season and 2015. This study is characterized as a descriptive research. We conclude that the current working conditions do not allow the technical theoretical deepening and the available physical structures are not appropriate for most training sites.

**Keywords:** Judo. Coaches Profile. Structural Conditions.

## *Perfil de atletas de judo técnicas de entrenadores de selección de brasil de base y de trabajo condiciones estructurales*

### RESUMEN

El judo fue el deporte que más medallas olímpicas llevados a Brasil. A pesar de este éxito no tenemos muchos datos sobre los entrenadores . La falta de esta información nos ha llevado a este trabajo. Este estudio tuvo como objetivo trazar el perfil, las estructuras físicas disponibles y las condiciones de trabajo para los entrenadores de los atletas para la composición de la Confederación Brasileña de los equipos nacionales de Judo (CBJ), las clases Sub 18 y Sub 21, en la temporada 2014 y 2015. Este estudio se caracteriza como una investigación descriptiva. Llegamos a la conclusión de que las condiciones de trabajo actuales no permiten la profundización teórica técnica y las estructuras físicas disponibles no son apropiados para la mayoría de los sitios de entrenamiento.

**Palabras Clave:** Judo. Los entrenadores perfil. Condiciones estructurales.

# INTRODUÇÃO

O trabalho de investigação científica parte da inquietude e da curiosidade humana sobre fenômenos sociais e da natureza. Esta investigação específica iniciou-se a partir de um pressuposto difundido por Da Costa (1999) e compartilhado pelos autores: aquele que identifica no profissional de educação física o ponto de partida das soluções para a Educação Física. No horizonte deste estudo, o profissional de educação física é o treinador<sup>4</sup> de judô. A atividade do treinador tem sido alvo de diversos estudos ao longo dos anos, na procura de respostas que auxiliem uma melhor compreensão de seus conhecimentos, concepções e atividades práticas (LEMOS; GRAÇA, 2007). Este projeto de pesquisa surgiu durante a realização das aulas do Curso de Esporte de Alto Rendimento<sup>5</sup>, promovido pela Academia Brasileira de Treinadores (ABT) do Instituto Olímpico Brasileiro (IOB) e partiu da inquietude de seus autores sobre a formação, condições e estruturas de trabalho dos treinadores brasileiros de Judô que atuam nas categorias de base.

O Judô é um esporte que já trouxe excelentes resultados para o Brasil, e está em constante evolução em termos de desempenho internacional. É a modalidade nacional que possui o maior número de medalhas em Jogos Olímpicos, sendo quatro (4) de ouro, três (3) de prata e quinze (15) de bronze, totalizando vinte e dois (22) pódios, conquistando medalhas nas nove últimas edições consecutivas, desde os Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984 até a recente participação nos Jogos Olímpicos do Rio 2016.

Atento a esta característica e acreditando no potencial deste esporte, o Comitê Olímpico do Brasil (COB), juntamente com o Ministério dos Esportes (ME), vem investindo na Confederação Brasileira de Judô (CBJ) e nos judocas brasileiros de alto rendimento. O Judô é visto por estes órgãos como um dos cinco esportes vitais para que o país conquistasse a meta de estar entre as dez melhores nações nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016 (BRASIL, 2014).

Com esses investimentos e importância, a CBJ pretende manter o judô brasileiro entre os melhores do mundo nos rankings internacionais da Federação Internacional de Judô (IJF). Para isso, a preparação de atletas da seleção de base passou a ser fundamental. A seleção de base é formada por atletas que se classificam nas seletivas nacionais das categorias Sub 18 e Sub 21 e que serão trabalhados para futuramente serem promovidos à seleção principal.

Estima-se que o Brasil tenha aproximadamente dois milhões de praticantes de Judô (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDO, 2014). Embora tenhamos um número expressivo de praticantes, pouco se sabe sobre a realidade dos atletas e o perfil dos treinadores que atuam com estes jovens.

---

<sup>4</sup> Neste estudo é considerado treinador de judô o profissional que trabalha com o alto rendimento de judocas Sub 18 e Sub 21.

<sup>5</sup> Este Curso teve a duração de 720 horas aula entre atividades presenciais, a distância e estágios nacionais e internacionais. Os alunos foram selecionados no país todo e contou com a presença dos treinadores das seleções brasileiras adulta, Sub 21 e Sub 17 entre os participantes.

A literatura afirma a importância e as características multifacetadas que devem ter os treinadores formadores nos mais diversos campos: científico pedagógico, organizacional, técnico-prático e etc. Treinadores são agentes esportivos com papel bem definido, mas, todavia muito diversificado, que abrangem várias áreas inerentes aos componentes da prática esportiva. São responsáveis pelo planejamento, gestão, seleção, liderança, instrução e rendimento de um grupo de atletas. Especialmente para os jovens atletas, o treinador é um modelo e, por isso, tem facilidade de os influenciar positivamente ou não (BOMPA, 2005).

## MÉTODO

O presente estudo caracterizou-se como sendo do tipo descritivo conforme os preceitos de Thomas e Nelson (2002), pois teve como finalidade conhecer através de descrição, o perfil ou status de determinada população. No caso deste trabalho, o objetivo foi relacionado com o perfil e status dos treinadores de judô que atuam com atletas que pertencem às seleções brasileiras de base.

Os treinadores que participaram da pesquisa são os responsáveis técnicos os pelas entidades esportivas (clubes, academias, associações) que classificaram os atletas nas equipes nacionais de base da CBJ nos anos de 2014 e 2015. As equipes de base são compostas por duas classes de ambos os sexos, a **Sub 18** composta por judocas que completam 15, 16 ou 17 anos e a **Sub 21** composta por atletas que completam 18, 19 ou 20 anos durante a temporada. Ao todo foram classificados 192 atletas no período citado.

Analisando as súmulas das seletivas nacionais 2014 e 2015, encontramos 55 treinadores de 40 entidades esportivas diferentes, que tiveram atletas classificados. Obtivemos contato com 42 treinadores, que participaram da pesquisa e que são os responsáveis das academias ou clubes dos atletas.

O projeto seguiu as normas referentes ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), tendo sido aprovado no parecer 1.245.010.

Estes sujeitos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes do início da coleta.

### INSTRUMENTO DE PESQUISA

O questionário foi dividido em duas partes. Sua confecção foi fruto da adaptação de estudos anteriores e recorreu-se à sua validação, pelo método de peritagem, tendo sido consultados quatro experts: dois com conhecimentos específicos elevados da modalidade, enquanto treinadores, e os outros dois com formação acadêmica superior no domínio da investigação científica, à qual se associa uma vasta experiência no domínio da prática,

seguindo os passos metodológicos de Santos *et al.* (2010).

A primeira parte foi composta por questões de identificação do sujeito: nome completo, idade, sexo, instituição e federação a que pertence. A segunda parte possui dezoito perguntas de respostas com alternativas e uma com a opção de sugestões. Essas dezoito perguntas foram divididas em três blocos distintos: condições de trabalho, formação acadêmica e estruturas físicas.

As coletas dos dados foram realizadas em duas oportunidades: durante os campeonatos brasileiros Sub 18 e Sub 21 e durante os encontros presenciais do curso de desenvolvimento/aperfeiçoamento técnico em judô da ABT, que ocorreram no período de maio a julho de 2015. Os técnicos foram abordados nessas oportunidades e após instruções sobre os objetivos da pesquisa e do questionário, os que concordaram em participar, receberam versão impressa e o termo de consentimento para preenchimento. Durante a coleta um dos autores ficou disponível para eventuais dúvidas dos treinadores durante o preenchimento. Foi realizada uma análise com estatística descritiva (frequência, médias, porcentagens, desvio padrão e moda) cuja apresentação dos dados se deu através de tabelas e quadros. Para tanto foi utilizado o programa Microsoft Excel 2013.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados encontrados caracterizaram os 42 treinadores que classificaram seus atletas entre os três primeiros lugares nas seletivas de 2014 e 2015 nas categorias Sub18 e Sub21 de uma população de 55. Do total de sujeitos investigados (42 profissionais), 22 deles (52%) trabalham de 10 a 20 horas por semana e somente 5 treinadores (12%) possuem carga horária integral com a sua equipe o que demonstra que a atividade ainda não pode ser considerada como uma profissão que garanta uma remuneração suficiente para o sustento de forma exclusiva. Podemos observar mais claramente isso quando analisamos os valores percebidos mensalmente. Somente 14 treinadores (33%) recebem entre R\$ 2.000,00 e R\$ 4.000,00, contudo foi identificado que 4 deles (10%) não possuem salário. Salientamos que a amostra da pesquisa é de treinadores que já atingiram um certo sucesso profissional, ao classificaram atletas nas seleções nacionais. Todos os treinadores são de nível nacional, mas 20 treinadores (48%) declararam possuir experiência internacional, os 42 (100%) trabalham com ambos os sexos, 36 treinadores (86%) trabalham também com a iniciação ao judô. Este ponto merece a nosso ver destaque pois explicita a realidade do judô nacional, ainda transitando entre o amadorismo e o profissionalismo. Ao analisarmos as características específicas do modelo de organização do judô encontramos algumas singularidades. Uma delas é que o treinador normalmente trabalha com ambos os sexos e com atletas das mais variadas faixas etárias. Diferentemente de outros profissionais que em suas modalidades se especializam em trabalhar com meninos ou meninas e direcionam suas atividades para uma determinada categoria. Vemos no basquete ou no voleibol o técnico ser incumbido, por exemplo, do juvenil feminino ou do infante-juvenil masculino de um clube ou colégio. Já no universo de

judô os treinadores são responsáveis por uma diversidade de atletas. Dão treinos para ambos os sexos, com diferentes níveis técnicos na mesma sessão treino e trabalham desde as crianças, passando pelos jovens até os adultos da sua equipe. A formação acadêmica de 36 treinadores (86%) apontou que possuem graduação em educação física e 39 treinadores (93%) são registrados no CREF, 22 treinadores (52%) já possuem especialização, conforme demonstrado no Quadro 1:

Quadro 1 - Geral da Amostra

<b>Dimensões</b>	<b>Alternativas</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Carga horária semanal</b>	Até 10h	08	19
	10h-20h	22	52
	20h-30h	07	17
	30h-40h	05	12
<b>Faixa salarial</b>	Até R\$2.000	08	19
	R\$2.000 a R\$4.000	14	33
	R\$4.000 a R\$6.000	06	14
	R\$6.000 a R\$8.000	06	14
	Acima de R\$8.000 Não Tem	04	10
<b>Trabalha com iniciação</b>	Sim	36	86
	Não	06	14
<b>Nível de atuação como treinador</b>	Nacional	22	52
	Internacional	20	48
<b>Com qual Sexo</b>	Somente Feminino	00	00
	Somente Masculino	00	00
	Ambos	42	100
<b>Formação acadêmica</b>	Educação Física Estudante	36	86
	Sem Graduação	03	07
	Outro Curso	02	05
		01	02
<b>Especialização acadêmica</b>	Especialização	22	56
	Mestrado	01	03
	Doutorado	00	00
<b>Registro no CREF</b>	Sim	36	86
	Não	06	14

Dos 42 treinadores 38 (90,5%) são homens e somente 4 (9,5%) mulheres, a média de idade é de 38,3 anos com desvio padrão +/- 9,08. Com relação aos resultados encontrados, 12 treinadores (29%) possuem experiência na profissão entre 09 e 12 anos, como destacado no quadro 2 (Tempo de experiência como treinador), porém todas as opções com relação a esse item foram assinaladas na pesquisa. Verificamos que 27 dos treinadores (64%) trabalham como responsável de uma equipe de alto rendimento em apenas um local com dedicação exclusiva, e vinte e seis deles (62%) exercem uma ocupação paralela. Esse dado nos indica que o campo profissional dos treinadores ainda é pouco remunerado não permitindo um trabalho apenas dedicado a essa atividade.

Podemos observar que os quarenta e dois treinadores são de 16 Estados brasileiros, o que nos intui afirmar que existe uma descentralização na formação dos jovens atletas. Embora

continue acontecendo uma grande vantagem em termos numéricos dos Estados mais tradicionais historicamente na formação de atletas como Rio de Janeiro e São Paulo encontramos treinadores de dezesseis unidades da Federação.

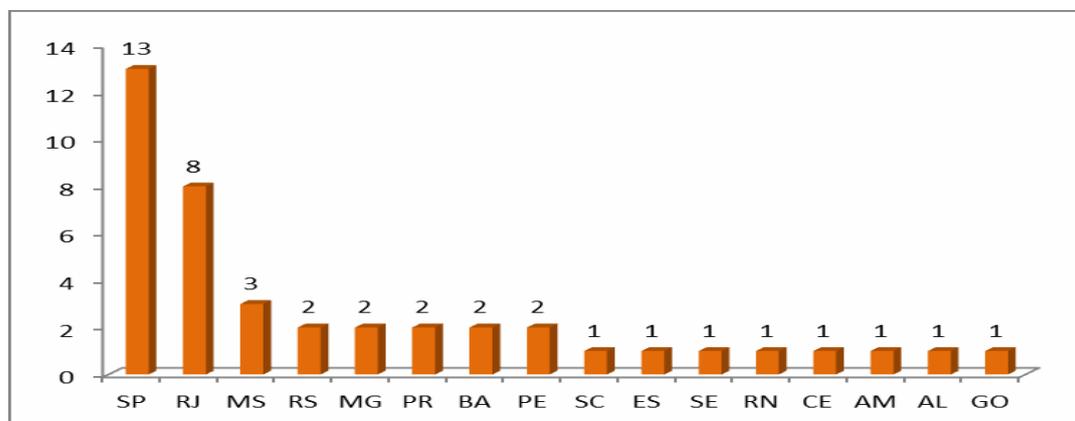


Figura 1 - Distribuição por Estados dos treinadores pesquisados.

Na Figura 2 observamos que o tempo de prática profissional não se demonstrou como um fator impeditivo de obtenção de resultados. Tivemos treinadores com pouco tempo de atuação e outros já veteranos. Nesse estudo não analisamos dados de toda a carreira dos investigados, portanto esse resultado obtido pode ter sido uma excepcionalidade na trajetória desses sujeitos.

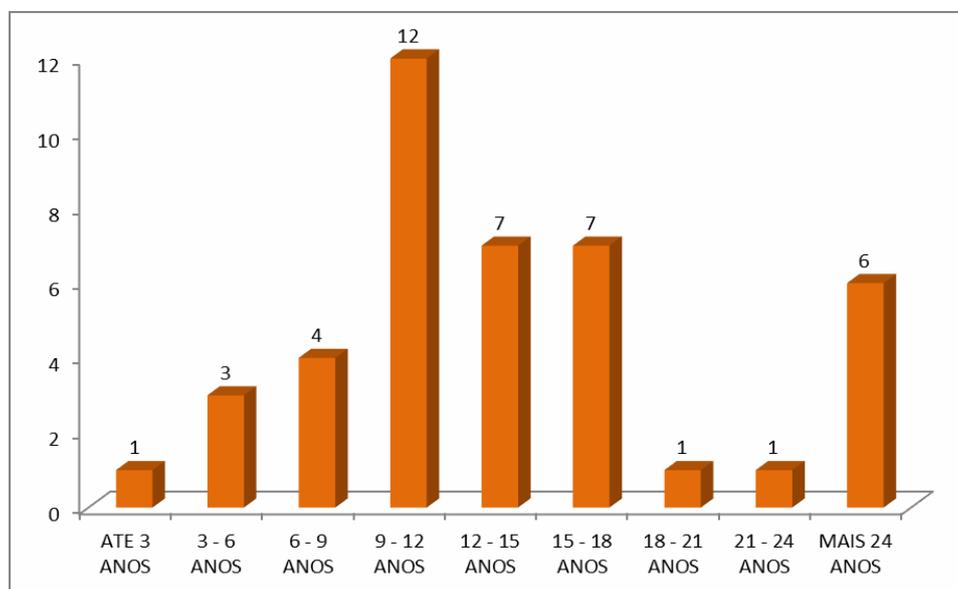


Figura 2 - Tempo de experiência como treinador.

Com relação aos investigados, 28 (67%) trabalham com todas as categorias de idade, desde o sub 13 até o sênior (adulto), como pode ser observado no quadro 3, fatos já comentado anteriormente.

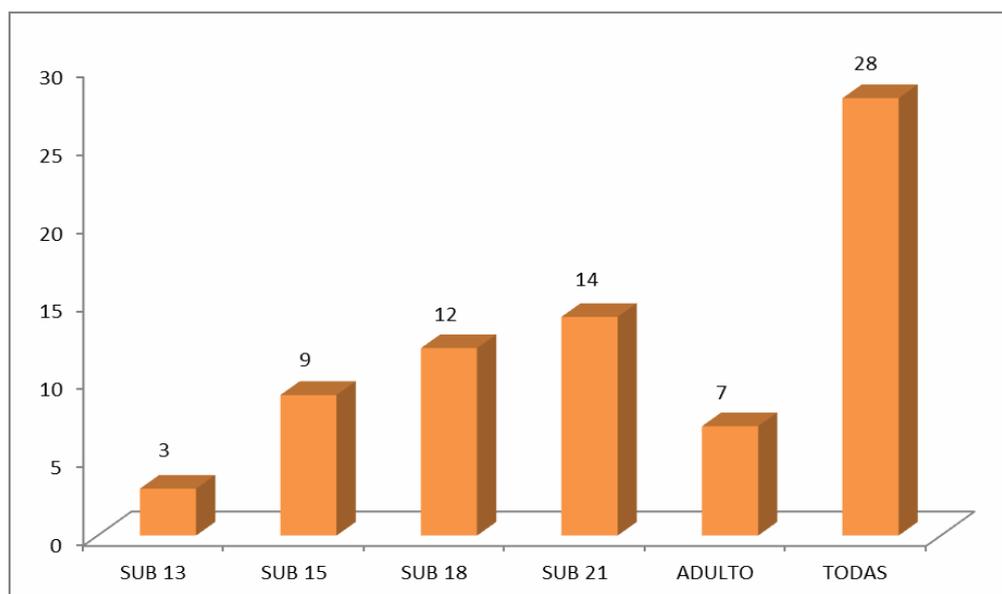


Figura 3 - Categorias por faixa etária que os treinadores atuam.

Verificamos que dos 42 treinadores, 15 (36%) estavam fazendo curso de capacitação e destes, 14 treinadores estavam cursando a ABT, destacado no quadro 4: Treinadores que atualmente estão realizando curso de capacitação.

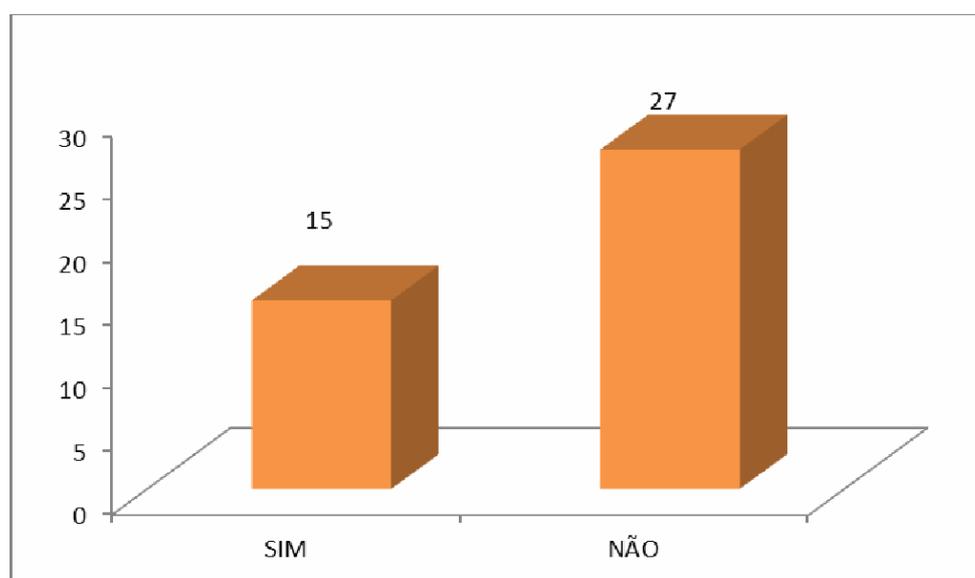


Figura 4 - Treinadores que atualmente estão realizando curso de capacitação.

Pontuando que 13 treinadores (31%) são graduados 3º Dan<sup>6</sup> em judô, como pode ser observado no Quadro 5: Graduação dos treinadores de judô.

<sup>6</sup> Dan: Graduação do judô ao atingir a faixa preta, podendo ir do primeiro ao décimo Dan.

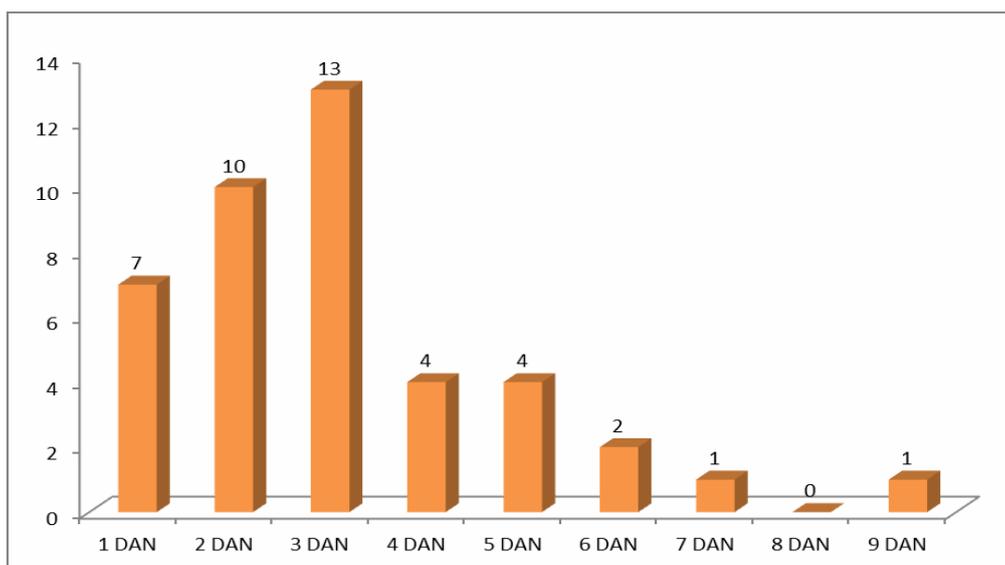


Figura 5 - Graduação dos treinadores de judô.

Com relação às condições estruturais de trabalho dos treinadores, foi verificado que 29 treinadores (69%) possuem preparador físico em sua equipe multidisciplinar, 17 contam com psicólogos (40%), 23 trabalham em conjunto com nutricionistas (55%), 26 tem acesso a fisioterapeutas para os atletas (62%), 10 tem acesso a médicos (24%), e apenas um (2%) declarou que possui um assessor de imprensa a disposição. Dezesete deles (53%) declararam que comandam diretamente as ações de sua equipe de profissionais, porém 10 treinadores (24%) ainda não trabalham com uma equipe multidisciplinar, de acordo com o quadro 6: Profissionais que atuam na equipe multidisciplinar. Essas estruturas díspares nos levam a concluir que estamos em um momento que ainda temos espaço para as pequenas academias formadoras de atletas.

Sobre as estruturas físicas, 15 treinadores (36%) possuem a sua disposição local de treinamento com pelo menos 01 área de tatame<sup>7</sup>, 18 (43%) possuem pelo menos 02 áreas e 9 (21%) com 3 ou mais áreas de tatame. Vinte e nove treinadores (69%) declararam ter acesso sala de musculação e 12 (29%) a um departamento médico. Vinte e dois (52%) contam com um departamento de fisioterapia compartilhado com outras modalidades do clube, de acordo com o quadro 7: Estruturas físicas disponíveis nos locais de treino dos atletas.

<sup>7</sup> Medida aproximada de 32 tatames de 200cm por 100cm.

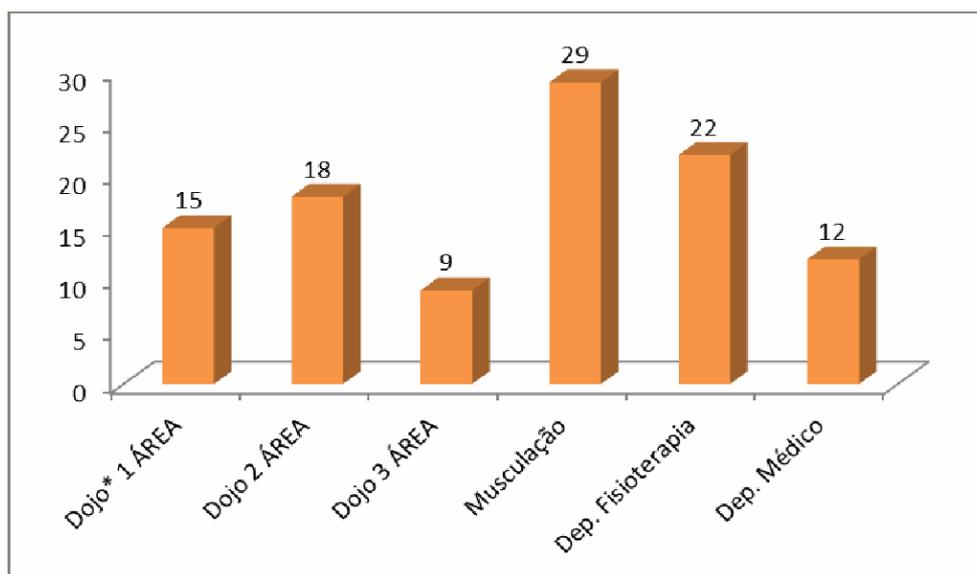


Figura 7 - Estruturas físicas disponíveis nos locais de treino dos atletas.

Ao analisarmos os recursos para a manutenção das estruturas físicas e pessoais ficou evidenciado que 29 treinadores (69%) ainda dependem de recursos próprios ou seja as mensalidades dos alunos, 15 (36%) utilizam as leis de incentivo ao esporte, 8 (19%) possuem patrocínio, 5 (12%) convênios e 9 (21%) se utilizam de parcerias para viabilizar o planejamento de sua equipe, de acordo com o quadro 8: Origem dos recursos utilizados pelos treinadores.

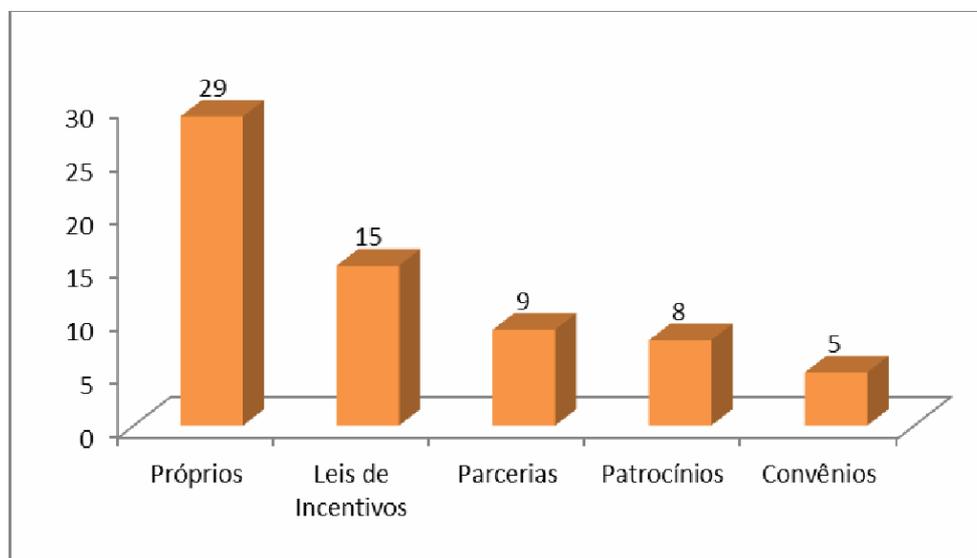


Figura 8 - Origem dos recursos utilizados pelos treinadores.

Em virtude do que foi exposto neste trabalho, detectamos alguns aspectos comuns aos treinadores que classificaram atletas nas seleções de base da CBJ nos anos de 2014 e 2015.

Embora tenha sido verificada, que há uma maior concentração de treinadores nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, característica que também foi apontada no trabalho de Nunes (2013), sobre a “genealogia” do judô brasileiro podemos observar que está

acontecendo um processo de descentralização. No estudo de Nunes (2013) é possível identificar que boa parte dos “mestres” dos principais judocas brasileiros trabalham ainda nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Mas nesta pesquisa, foi verificado indícios de que há um desenvolvimento do judô em outros Estados brasileiros, demonstrando a descentralização e a conseqüente nacionalização da modalidade, afinal 21 treinadores são de outros Estados. De certa forma, Nunes (2013) também já apontava essa tendência de descentralização a partir de atletas com destaque, como Luciano Correa (DF/MG), Mayra Aguiar (RS) e Sarah Menezes (PI).

Conforme resultados apresentados, os treinadores brasileiros trabalham em seus clubes e academias ainda de maneira empírica, organizando seus treinamentos sem levar em consideração a divisão por sexo e por classe (faixa etária), porém nas seleções nacionais essa especificidade já existe, seguindo a tendência mundial. Os motivos que levam essa falta de especificidade, não puderam ser detectados na pesquisa, podendo ser alvo de outros estudos futuros. Provavelmente por estarmos em um estágio ainda não profissional os atletas tem que conciliar os treinamentos com outras atividades, restando apenas o período noturno para os treinamentos. Desta forma todos, independentemente do sexo e idade, treinam compartilhando as mesmas estruturas. Este fato pode comprometer a qualidade do trabalho, principalmente se não há preparação específica e diferenciada com jovens atletas com potencial esportivo para integrar as equipes nacionais como descrito por Böhme (2011).

A experiência na profissão pareceu não ser determinante para que um treinador coloque atletas nas seleções Sub 18 e Sub 21, visto que na pesquisa foram citados treinadores com menos de 3 anos até treinadores com mais de 24 anos de experiência. Esse dado, que nos causou estranheza pois contraria a literatura, pode ocorrer pela participação de um jovem treinador em um local de tradição em formação de atletas. O treinador em tela estará, desta forma, sendo beneficiado pelo trabalho de treinadores experientes que atuaram durante o processo de formação. Outra observação relativa ao perfil do treinador foi que mais da metade dos entrevistados possui outra ocupação paralela a de treinador, não conseguindo manter uma dedicação exclusiva ao ofício, fato que provavelmente prejudica o planejamento técnico e como conseqüência limita a qualidade na formação dos atletas. Sem dedicação exclusiva, dificilmente o treinador consegue exercer o conjunto de conhecimentos enumerados pela AEHESIS sobre as competências dos treinadores esportivos: (a) aspectos técnicos, táticos, físicos e mentais do desporto; (b) medicina, primeiros socorros, nutrição e prevenção de lesões; (c) metodologia e didática; (d) biomecânica; (e) periodização e planejamento; (f) teoria do treino; (g) estilo de vida; (h) modelo do desporto específico e desenvolvimento do atleta.

Notamos quanto à capacitação profissional, que uma quantidade significativa de treinadores não dá prosseguimento aos estudos em cursos de pós-graduação *lato ou stricto sensu*, fato que pode limitar a capacidade de aprofundar estudos nas ciências do desporto. Nesse contexto, iniciativas tais como do COB e da ABT podem contribuir de maneira significativa. Conforme o proposto por Simão (1998) e Moreno e Del Villar (2004) projetos como esse podem contribuir para a aproximação fundamental da teoria e dá prática.

Quanto à divisão de trabalho com outros profissionais, observamos que conceito de Böhme (2011) de que uma equipe multidisciplinar deva auxiliar os treinadores na conquista de ótimos resultados está sendo buscado. Conforme apresentado nos dados coletados, já é uma realidade nas classes Sub 18 e Sub 21. Entretanto apesar do alto índice de incidência, ainda existem treinadores em nível nacional que não possuem essa estrutura à disposição, fato que deve ser levado em consideração quando da implantação de políticas para a formação de treinadores.

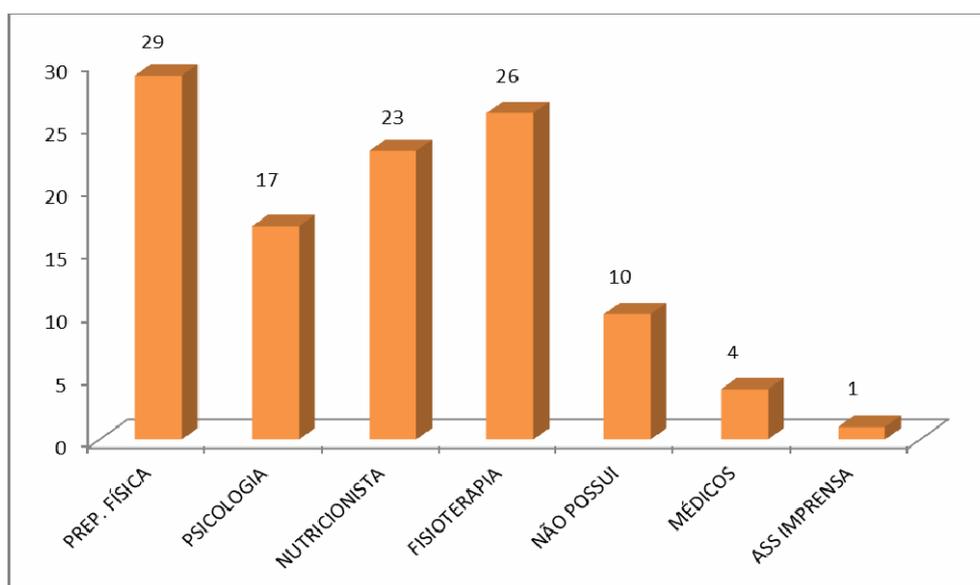


Figura 6 - Profissionais que atuam na equipe multidisciplinar.

O cenário, que ao nosso ver está em movimento, nos apresenta o compartilhamento do trabalho entre representantes da psicologia, da nutrição, da fisioterapia, da educação física, da medicina e em alguns casos até da imprensa. Embora isso seja um avanço em comparação com o modelo tradicional em que o treinador era o responsável por todas as ações, ainda em alguns lugares, o comando desta equipe não está nas mãos do treinador e ela não é exclusiva da equipe de judô, tendo que ser compartilhada com outras modalidades do clube.

E por fim, foram demonstrados pelos dados da pesquisa, que grande parte dos treinadores utiliza pouco as alternativas de busca de recursos financeiros, tais como o uso das leis de incentivos, patrocínios, parcerias e convênios. Eles utilizam apenas recursos próprios, oriundos das mensalidades, contribuições voluntárias entre outros, para suprir as necessidades profissionais e das entidades que comandam. O ideal seria que existissem mais investimentos nesses treinadores e em toda categoria de base, para que assim os resultados do Judô brasileiro sejam duradouros no longo prazo. Além disso, é importante que esses investimentos sejam feitos de forma planejada, como indicado por Mazzei et al (2014).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse estudo evidenciamos que o perfil dos treinadores de judô que atuam na formação dos atletas das seleções brasileiras de base pode ser generalizado da seguinte forma: os treinadores são do sexo masculino com 38 anos de idade em média, judocas com faixa preta 3º Dan, trabalham como treinadores em apenas um local, com faixa salarial entre R\$ 2.000,00 a R\$ 4.000,00, experiência profissional entre 9 a 12 anos, carga horária de 10 a 20 horas semanais, porém possuem outra ocupação paralela a de treinador. Trabalham com o judô iniciação, com masculino e feminino e todas as categorias de idade. Os profissionais apresentam formação em Educação Física, registro no conselho profissional, com pós-graduação, contudo atualmente não frequentam cursos de capacitação.

Com relação às condições estruturais de trabalho, os treinadores possuem e comandam a sua equipe multidisciplinar, têm a disposição tatame equivalente a duas áreas de competição, sala de musculação, fisioterapia e se utilizam de recursos próprios para a sua manutenção.

Estamos convictos que estudos desta natureza, irão nos fornecer informações pontuais para podermos, cada vez mais, contribuir positivamente para o crescimento e aprimoramento dos treinadores e do judô brasileiro.

## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Fernando Del Villar; ARROYO, Maria Perla Moreno. *El entrenador deportivo: Manual práctico para su desarrollo y formación*. Barcelona: Inde Publicacions, 2004.

BÖHME, Maria Tereza Silva. *Esporte Infante juvenil: treinamento a longo prazo e talento esportivo*. São Paulo: Phorte Editora, 2011.

BOMPA, Tudor. *Treinando atletas de desporto coletivo*. São Paulo: Phorte Editora, 2005.

BRASIL. Ministério do Esporte. *A 743 dias do RIO 2016, COB apresenta plano estratégico para o país ser top 10*. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/index.php/fique-por-dentro/67-lista-fique-por-dentro/48261-jogos-rio-2016-a-744-dias-do-inicio-da-competicao-cob-apresenta-plano-estrategico-para-pais-ser-top10>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDO (CBJ). *Engrenagem do judô alavanca desenvolvimento da modalidade no Brasil*. Disponível em: <<http://www.cbj.com.br/noticias/3707/engrenagem-do-judo-alavanca-desenvolvimento-da-modalidade-no-brasil.html>>. Acesso em: 27 jun. 2015.

COSTA, Lamartine Pereira da. *Formação profissional em educação física, esporte e lazer no Brasil: memória, diagnóstico e perspectivas*. Blumenau: Editora da FURB, 1999.

GILBERT, Wade; TRUDEL, Pierre. Role of the coach: How model youth team sport coaches frame their roles. *The Sport Psychologist*, v. 18, n. 1, p. 21-43, 2004.

LEMOS, Isabel; GRAÇA, Amândio. The relationship between coaching conceptions and the microstructure of practice of uouth basketeball coaches with contrasting experience. *IV Congresso Ibérico de Baloncesto*, p. 43, 2007. Disponível em: <[http://www.munideporte.com/imagenes/documentacion/ficheros/20071217204414papel\\_entrenador\\_formacion\\_jugadores.pdf](http://www.munideporte.com/imagenes/documentacion/ficheros/20071217204414papel_entrenador_formacion_jugadores.pdf)>.

MADURO, Luiz Alcides Ramires. *A formação e a sua influência no papel do treinador de judô no planejamento dos treinos e nas competições*. 2012. 164f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, 2012.

MAIA, Pedro Manuel Domingues Ferreira da. *A comunicação do treinador de basquetebol em competição: Alta competição versus desporto escolar*. 2013. 135f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2013.

MAZZEI, Leandro Carlos et al. Política do esporte de alto rendimento no Brasil: Análise da estratégia de investimentos nas Confederações Olímpicas. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 14, n. 2, p. 58-73, 2014.

MILISTETD, Michel. *A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: Análise das estratégias de formação inicial em Educação Física*. 2015. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MORENO ARROYO, Maria Perla; VILLAR ALVAREZ, Fernando del. *El entrenador deportivo: Manual práctico para su desarrollo y formación*. Barcelona: Inde Publicaciones, 2004.

NUNES, Alexandre Velly. *Judô: Caminho das Medalhas*. São Paulo: Editora Kuzuá, 2013.

SANTOS, Sofia et al. Coaches' perceptions of competence and acknowledgement of training needs related to professional competences. *Journal of Sports Science and Medicine*, v. 9, p. 62-70, 2010.

SIMÃO, José Vicente. *A formação do treinador: análise das representações dos treinadores em relação à sua própria formação*. 1998. 215 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 1998.

THOMAS, Jerry R.; Nelson, Jack K. *Métodos de pesquisa em atividade física*. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2002.